



## COLECÇÃO ANTÓNIO CACHOLA: ALGUMAS PAISAGENS

A Coleção António Cachola é cronológica e tematicamente vasta. Com obras que vão dos anos 80 à actualidade, contendo desenho, gravura, pintura, escultura, instalação, vídeo e fotografia, podemos seguir, através dela, diferentes direcções. A escolha da Paisagem para o presente ciclo (Outubro 2007-Março 2008) utiliza obras, directa ou indirectamente, associáveis à ideia de Paisagem e às modalidades da sua representação contemporânea, articulando-as com algumas peças essenciais da montagem inaugural do MACE (Julho – Outubro de 2007). As obras da colecção subordinadas a este tema não se esgotam agora e continuarão a ser apresentadas em exposições posteriores.

### Piso1

A exposição inicia-se com uma pequena peça de **Miguel Ângelo Rocha** (*Maqueta para Paisagem*,



técnica mista, 1997), irónico teatrino, onde o drama de um incêndio rural se passa ao som de uma

popular música do Tirol. Um relevo branco de **João Galvão** (*Sem Título*, acrílico s/ tela, estrutura em contraplacado marítimo, 2001))

surge quase invisível na parede em frente, como um fungo gigante ou um relevo orográfico. Seis pequenas tábuas pintadas de **Marcelo Costa** (*Sem Título*, óleo s/ madeira, 1999) apresentam-nos, depois, coloridas paisagens abstractizadas. É ainda a obra *Wash and Go* (ferro e colants, 1988), de **Joana**



**Vasconcelos**, que nos faz entrar no corredor onde verdadeiramente se inicia a nossa viagem pela exposição. Uma colorida flor de **Xana** (*Sem Título*, acrílico s/ madeira, 1997) e a pesada tela de **João Jacinto** (*Sem Título*, óleo s/ tela, 2006) mantêm a intensidade cromática e retomam quer a relação irónica, quer dramática com a natureza. Duas pinturas sob vidro de **Gil Heitor Cortesão**, ambas *Sem Título* (*La bohémienne Endormie #1* e *#2*), de 2001, cujas imagens se liquefazem, recordam-nos o lado urbano que também devemos associar à Paisagem. Em frente, uma pequena cabana quase desenhada sobre uma superfície de pintura, que também parece inundada **Ilda David** (*Sem Título*, acrílico s/tela, 1999). Ao fundo, **Paulo Catrica** – *Rio Murtiga* (*Série Paisagem*), PA, fotografia a cores, 2005 – traz-nos à realidade fotográfica da paisagem com a vista de um troço de rio alentejano.

As duas galerias seguintes devem ser percorridas de modo diverso da anterior montagem. Os dois espaços à direita

apresentam-se agora autónomos. O primeiro mantém a instalação de **Xana** (*Lar Doce Lar no quarto XII*, acrílico s/ madeira e “30 bidets”

de plástico, 1994), que nos remete para uma



irónica representação do Lar, mas que aqui nos traz também a memória hospitalar do local; o segundo mantém quer os dois

desenhos (*Sem Título*, tinta-da-china s/ papel, 1990 e *Sem Título*, guache s/ papel, 1999) e a escultura **Romúlo e Remo** (madeira, bronze, ferro galvanizado e tinta, 1991) de **Rui Sanches**, quer a parede grafitada (*Sem Título*, fotografia montada em cartão s/ gesso e madeira, 2000) de **Rosa Almeida**. Cinco novos desenhos de **Rui Sanches** – *Corpos (e)móveis*, carvão, grafite, tinta-da-china e guache s/ papel, 1993 – esclarecem a relação entre escultura, espaço e desenho na sua obra.

Já os dois espaços à esquerda de ambas as entradas se relacionam com o tema Paisagem. Temos, na primeira sala, de **João Queiroz**, uma pintura (*Sem Título*, óleo s/ tela, 1998) e cinco aquarelas (*Sem Título*, aquarela s/ tela, 1998) que, de forma sistemática e diversa, nos apresentam uma série de problemas de representação do tema. Temos o delicado desenho de **Gil Amourous** (*Sem Título*, carvão s/ papel, 1998), onde a realidade quase desaparece. E temos, de **Ilda David** (*Sem Título*, acrílico s/ tela, 1995), a pintura de uma tenda de campanha num terreno devastado e desértico.

A *Mesa*, de **Susana Anágua** (madeira, ímanes, motor – 1.5rpm – e esferas de metal, 2005), introduz uma nota dissonante no conjunto, ao



mesmo tempo que, pode ser, também, metáfora de uma paisagem habitada. Na sala vídeo regressa a

imagem da urbanidade com o passeio do estranho figurante de **João Onofre** – *Untitled (Masked Tap Dancer)* –, vídeo, cor, som, 2005 – pelas ruas de Lisboa.

Na segunda sala, temos autores já ali antes apresentados, mas com alterações de posição ou obras. **Francisco Vidal** mostra agora um díptico (*Time to Go*, técnica mista s/ tela, 2007) onde os valores dos *graffiti* urbanos e o cruzamento de culturas populares e eruditas se acentuam, **Rui Serra** mostra uma pequena tela também legendada (*Santíssima Trindade*, acrílico s/ tela,



1999), onde a grelha de fundo tanto pode ser a da composição

pictórica tradicional como a de uma vedação urbana e **Luís Campos**, com a mesma fotografia – *Sem Título (Série Transurbana)*, tríptico, impressão em cibachrome, 1994 – remete-nos, de novo, para uma realidade de suburbanidade e da exclusão que a *Piscina* (acrílico sobre ferro) de **Pedro Gomes** parece contrariar.

Finalmente, **Alexandre Conefrey** - *Balaclava (Carga da Brigada Ligeira)*, *Monte Casino e Berlim*, 1945, guache s/ papel, 1998 – apresenta, em desenhos meticulosos, três recortes paisagísticos onde o relevo natural é cenário abstractizado de outras tantas batalhas históricas.



## Escadaria

Nas escadarias de acesso às galerias superiores mantém-se a escultura de **Rui Chafes** (*Ne dors pas*, ferro, 1999) e três fotos dos rostos inquietantes de **Jorge Molder** –



*Anatomia e Boxe (1/3)*, fotografia p/b, fragmento de um total de 40, 1996/1997 –, mas é introduzido um conjunto de sete

fotos de **Nuno Cera** – *Untitled (from DK series)*, Lambda Print s/ Diasec, C-Print s/ Diasec, 2002 –, que remetem para o tema geral da exposição: paisagens de neve, deserto e floresta numa ascensão da morte para a vida, metáfora perante a qual, a sétima imagem (uma máquina fotográfica num tripé), parece nesta montagem ausentar-se, virando a objectiva para outro lado.

## Piso2

Na primeira galeria, a escultura em quatro elementos de **José Pedro Croft** (*Sem Título*, ferro, vidro e espelho, 2007), assim como a

árvore de **João Pedro Vale** (*A Culpa Não É Minha*, arame e corda, 2003), mantêm a



estrutura da sala. Também *RAM 05* de

**Pedro Calapez** (acrílico s/ alumínio, 2002) se mantém. Estas duas últimas obras eram já uma chamada de atenção para a paisagem ou os



valores da representação da natureza. Mas um conjunto de 12 grandes desenhos de **Pedro Calapez** (*Submerso*, grafite e tinta-da-china s/ papel, 2001) de um dos lados da sala, e um grande desenho de **Pedro Proença** (*Sem Título*, tinta-da-china s/ papel), no lado oposto, reforçam e alteram os sentidos dessa relação. Partindo de uma gravura de Ticiano, Calapez reencena o mar revoltado que trágico o exército do Faraó na sua perseguição aos Judeus. Articulando representações ornamentais vegetalistas, figuração humana caricatural, natureza morta e pequenas frases, irónicas ou não, Proença relaciona-se com a árvore ameaçadora e contorcida de João Pedro Vale e enfrenta a geometria de um novo desenho de **José Pedro Croft** (*Sem Título*, óleo s/ tela, 2003).

Na sala seguinte, **Fernanda Fragateiro** e **Pedro Cabrita Reis**, estruturam também o espaço da mesma forma que na montagem anterior.

Ela com uma peça de cortiça



(*Expectativa de uma Paisagem de Acontecimentos*, 3, cortiça e ferro



galvanizado, 2007) que ocupa o espaço (do tecto ao chão) como uma cortina, uma construção ou uma paisagem. Ele com uma contraditória metáfora de construção e de morte (*Ala Norte*, alumínio e acrílico s/



madeira e lâmpadas fluorescentes, 2000). De **José Loureiro** são mantidas, mas duplicadas, as pinturas abstractas (*Varanda* e *Elo*, ambas óleo s/ tela, de 2002). Uma fotografia da dupla **João Maria Gusmão e Pedro Paiva** (*A Mola Paleolítica*, fotografia a cores, 2006) introduz, num registo narrativo e irónico, o tema da paisagem e da intervenção do homem nessa paisagem. Finalmente, uma pintura de **Jorge Rodrigues** (*Sem Título*, óleo s/ tela, 2002), revela-nos um céu obscuro, quase negando toda a representação.

Na sala lateral, mantém-se a instalação de **Noé Sendas** – *Versus* (*Contra*), figura-escultura (poliéster, resina epóxica, roupa e sapatos), banco de piano, 39 espelhos, instalação luminosa – anunciada por um estudo e capaz de nos



revelar uma paisagem mental de isolamento e desespero.

Na última galeria deste piso, uma escultura de **Ângela Ferreira**, acompanhada de duas fotos (*Marquise*, alumínio, vidro e fotografia, 1993), situa-nos na paisagem da cidade degradada. Já a série *B-Sides* (C-Print, montada em PVC e moldura de madeira, 1998), de **Nuno Cera**, apresentada com uma montagem inovadora, nos devolve uma cultura urbana e de fragmentação, onde os valores contemporâneos se apresentam numa velocidade positiva. Porém, a pintura de **Marta Soares** (*Sem Título*, óleo s/ tela, 1999), que ocupa a parede final da sala, parece surgir como uma porta que se fecha, como uma parede que se ergue e trava essa velocidade.

